

WESLEY DE SOUZA BIÃO

**Dentre os clubes, o maior: a história narrada do título do Santo André na  
Copa do Brasil de 2004**

VIÇOSA-MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2022

WESLEY DE SOUZA BIÃO

**Dentre os clubes, o maior: a história narrada do título do Santo André na  
Copa do Brasil de 2004**

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Kátia de Lourdes Fraga

VIÇOSA-MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2022

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a mim mesmo. Sim, é estranho, mas deveria ser atitude comum. É importante para lembrar que mesmo nas adversidades não me resignei. Pelo contrário, mantive-me forte e sereno na certeza de que mesmo com os revezes da vida – que não foram poucos – cheguei ao fim e conquistei a vitória final. A batalha foi longa, dura e complexa, mas foi vencida.

Agradeço também o apoio de minha família. Meus pais, irmãos, tios, tias, primas e todos os demais que não me permitiram esmorecer. À minha estrela-guia, que me acompanha de onde eu estou. Se aqui estou e isso conquisto é por ti.

Aos amigos e amigas que comigo dividiram quatro anos (ou um pouco mais) nas aulas do curso de Jornalismo, aos que comigo ombream no Impressionados – o time mais tradicional da UFV – e na equipe de futsal da Atlético das Humanas, àqueles e àquelas que ao meu lado ajudaram a fazer de Viçosa um local mais acolhedor aos estudantes de mobilidade pelo Embaixadores, aos que comigo dividiram bancada e microfones no Na Área e no Resenha da LUVÉ, aos amigos e amigas do UFVBaja Pererecas, que muito bem me receberam mesmo que pontualmente e à todos e todas que, independente disso tudo, dividiram comigo momentos épicos em festas e bares de Viçosa (ou qualquer outro lugar que pudemos celebrar a amizade): o meu mais sincero muito obrigado. Vocês foram a grande razão de eu não sair de Viçosa e não desistir da UFV.

Priscila, Carlinha, Leandro e demais amigos do DCM: lendas vivas! Obrigado pelas ajudas, dicas e conversas – especialmente ao amigo Diogo Rodrigues, que além disso me cedia o sofá de sua sala para revigorantes sonecas pós almoço.

Aos professores e professoras do curso de Jornalismo: meu mais sincero carinho, respeito e admiração. Ao professor Joaquim Lannes, que nos deixou antes de ver este trabalho que tanto encorajou nas diversas conversas pelo corredor do departamento, dedico este projeto à sua memória.

Por último, mas o mais importante agradecimento vai à professora Kátia Fraga pela sincera amizade, ensinamentos, encorajamentos, puxões de orelha (ou “três tapas na cara”) e por acreditar e embarcar nesta audaz missão de orientar este trabalho de tamanha importância para mim e para o futebol brasileiro.

"O futebol não é uma questão de vida ou morte... É muito mais importante que isso"

Bill Shankly

## **RESUMO**

O podcast narrativo “*Dentre os clubes, o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004*” é um projeto experimental realizado na disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão II do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Este trabalho tem por objetivo rememorar a maior conquista da história do Esporte Clube Santo André: o título da Copa do Brasil em 2004. Para isso, foram ouvidos jogadores e torcedores envolvidos no antes, durante e no depois da competição, que explicam os meandros rumo ao título. Foi escolhido um produto em formato *podcast* por sua atemporalidade e capacidade de fácil compartilhamento e divulgação.

**Palavras-chave:** Podcast; Santo André; futebol; Copa do Brasil.

## **ABSTRACT**

The narrative podcast “*Dentre os clubes, o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004*” is an experimental project carried out in the course COM 490 - Completion Work II of the Social Communication/Journalism Course at the Federal University of Viçosa. This work aims to remember the greatest achievement in the history of Esporte Clube Santo André: the title of the Copa do Brasil in 2004. For this, players and fans involved before, during and after the competition were heard, explaining the intricacies of the title. A product in podcast format was chosen for its timelessness and ability to be easily shared and disseminated.

**Key words:** Podcast; Santo André; football; Copa do Brasil.

## **SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
2.1 O início do futebol no Brasil	9
2.2 O início do futebol em Santo André	11
2.3 A Copa do Brasil	14
<b>3. PODCAST</b>	<b>15</b>
3.1 Conceito de Podcast	15
3.2 Storytelling	16
<b>4. RELATÓRIO TÉCNICO</b>	<b>19</b>
4.1 A proposta do podcast	19
4.2 O processo de pré-produção	19
4.3 O processo de produção	20
4.3.1 Listagem das fontes e função no clube na época dos acontecimentos	20
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>23</b>
<b>7. ANEXO - ROTEIRO DOS EPISÓDIOS</b>	<b>26</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No futebol, chama-se de zebra um resultado inesperado, principalmente quando uma equipe tida como favorita perde o duelo. A história dá conta que o termo surgiu em 1964, quando Gentil Cardoso, então técnico da Portuguesa-RJ, respondeu quando questionado sobre uma possível vitória de sua equipe sobre o Vasco da Gama: “Vai dar zebra! A Portuguesa vai ganhar”<sup>1</sup>. O uso do animal das savanas africanas na frase faz referência ao jogo do bicho, em que a zebra não consta na lista dos 25 animais que fazem parte do jogo. Logo, é impossível que o animal listrado seja resultado na jogatina.

Fato é que logo depois de Gentil ter dito a célebre frase, a Portuguesa bateu o Vasco por 2 a 1, confirmou o vaticínio do comandante lusitano e criou uma nova gíria dentro do esporte bretão. Desde então, qualquer resultado tido como inesperado é chamado de zebra.

O ano de 2004 no futebol é considerado como “o ano das zebras”. Em diversos campeonatos nos mais diversos lugares do planeta, equipes que não eram tidas como favoritas faturaram as taças. Como exemplos, podemos citar a Grécia vencendo a Eurocopa – principal torneio de seleções da Europa – e o colombiano Once Caldas vencendo a Copa Libertadores – principal torneio de clubes da América do Sul. No Brasil, tivemos a “zebra” que norteará este trabalho: o título do Esporte Clube Santo André na Copa do Brasil.

O motivo da escolha deste tema baseia-se em três fatores. O primeiro deles é a importância de se pautar o tema e manter o feito vivo no imaginário do público aficionado pelo esporte. Não é comum que times não considerados “grandes” conquistem títulos do primeiro escalão do futebol nacional, principalmente nas condições as quais o Santo André venceu: estreando na competição, eliminando outras equipes da primeira divisão no decorrer do torneio e batendo a equipe de maior torcida do país fora de casa, além de ter de conciliar a disputa com outro campeonato no qual sua situação estava longe de ser positiva e o principal objetivo era evitar o rebaixamento.

O segundo é o que se chama popularmente de “clubismo”. O Santo André é o único time da região do ABC Paulista com um título de nível nacional. Seus principais rivais, a

---

<sup>1</sup> Retirado da matéria “Deu zebra! Após 54 anos, Portuguesa volta a vencer o Vasco pelo Carioca”. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/serra-lagos-norte/futebol/campeonato-carioca/noticia/deu-zebra-apos-54-anos-portuguesa-volta-a-vencer-o-vasco-pelo-carioca.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2022.

Associação Desportiva São Caetano e as duas equipes de São Bernardo do Campo, o Esporte Clube São Bernardo e o São Bernardo Futebol Clube jamais conseguiram tal feito – fato esse que aumenta ainda mais a rivalidade entre eles, sobretudo com a equipe de São Caetano do Sul, cidade vizinha a Santo André.

Entre o fim da década de 1990 e meados dos anos 2000, o Azulão – como é conhecida a equipe sancaetanense – tinha um dos elencos mais fortes do país e sempre era cotado como candidato a títulos, porém nunca passou disso. Nas finais que chegou (Brasileirão<sup>2</sup> por duas vezes, em 2000 e 2001 e da Copa Libertadores, em 2002) ficou com o vice e o único título conquistado no período é o Campeonato Paulista de 2004. Já as equipes de São Bernardo, por sua vez, jamais chegaram sequer perto de conseguir conquistar um campeonato de renome.

Já o terceiro passa pelo lado pessoal e sentimental. Nasci, cresci, aprendi a gostar e jogar futebol na cidade de Santo André. Tenho enorme apego tanto à cidade quanto ao clube. Por essas razões, falar da cidade e do time que vi jogar num estádio pela primeira vez em minha vida me traz bastante prazer.

Assim, viso com este trabalho rememorar a maior conquista da história do Esporte Clube Santo André, ouvindo jogadores e torcedores envolvidos no antes, no durante e no depois da conquista, que explicam os meandros rumo ao título. Para contar esta história, o produto do projeto experimental será o podcast “Dentre os clubes, o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004”. A decisão de usar esse formato se deu por sua atemporalidade e capacidade de fácil compartilhamento e divulgação.

Já o nome “Dentre os clubes, o maior” faz referência ao segundo verso do hino do Esporte Clube Santo André, além do fato de que, no fim das contas, o time que vence um torneio independente de seu tamanho e relevância é o melhor e maior destes.

A seguir, apresentaremos uma breve história do nascimento e desenvolvimento do futebol no país e na cidade de Santo André, os conceitos de podcast e de *storytelling* e a metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho.

---

<sup>2</sup> O Campeonato Brasileiro (ou Brasileirão) é o principal torneio de clubes do Brasil. Sua primeira edição oficial foi disputada em 1971, mas desde 2010 os formatos disputados desde 1956 passaram a ser considerados como parte da história do Brasileirão. Atualmente, 20 clubes jogam 38 jogos em sistema de pontos corridos. Aquele que somar mais pontos sagra-se campeão, enquanto os quatro últimos colocados são rebaixados para a segunda divisão.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O início do futebol no Brasil

O fato de o futebol ser o esporte mais popular do mundo não chega a ser surpresa – e no Brasil não seria diferente. O principal responsável pela introdução desse esporte no país chama-se Charles Miller. Filho de anglo-brasileiros, nasceu em 24 de dezembro de 1874 na casa dos avós, no bairro do Brás, em São Paulo.

Com dez anos, mudou-se para a Inglaterra com o objetivo de “aprimorar seus estudos” e por lá teve o primeiro contato com o esporte bretão, tendo chegado, inclusive, durante sua adolescência, a jogar pelo time da cidade que vivia contra o Corinthians – um dos mais famosos clubes amadores do futebol inglês na época – e contra o Southampton, equipe que hoje disputa a primeira divisão do futebol inglês (MAZZONI, 1950).

Ao retornar para o hemisfério sul, em meados de 1894, pensou que encontraria o esporte que jogou na Inglaterra já em curso no Brasil, porém decepcionou-se. Por sorte, Miller trouxe consigo os primeiros materiais para a prática do desporto no país: bolas, uma bomba, camisas, calções, chuteiras e o livro de regras. Com o objetivo de disseminar o futebol dentro da colônia britânica que vivia em São Paulo, Charles tornou-se membro do São Paulo Athletic Club (SPAC), fundado pela aristocracia britânica no Brasil em maio de 1888 para a prática de atividades esportivas, sobretudo do críquete, esporte mais popular entre os ingleses que viviam nas terras paulistas.

Após o trabalho de ensino e disseminação do novo desporto na colônia, aconteceu dentre os membros do clube social aquela que é considerada a primeira partida de futebol no país, disputada entre funcionários da São Paulo Railway (SPR) – companhia responsável por gerenciar as ferrovias da capital – contra os funcionários da Companhia Paulista de Gás, em 14 de abril de 1895. O duelo acabou com o placar de 4 a 2 para o “The SPR Team”, em que Miller jogava.

Logo que nos sentimos mais traquejados e que o número de praticantes do jogo havia crescido, convoquei a turma para o primeiro cotejo regulamentar, denominando os quadros um, de “The Team do Gaz”, o que era integrado por empregados daquela Companhia, e o outro de “The S.P. Railway Team”, formado por funcionários dessa ferrovia. [...] Ao chegar ao campo, a primeira tarefa que realizamos foi enxotar do mesmo os animais da C. Viação Paulista, que ali pastavam. Logo depois iniciávamos nosso jogo, que transcorreu interessante, sendo que alguns dos companheiros jogaram mesmo de calças por falta de uniforme adequado. [...] Quando deixamos o campo já estava assumido o compromisso de

promovermos um segundo jogo, sendo que a exclamação geral foi esta: “que ótimo esporte, que joguinho bom!” (MAZZONI *apud* VÁRZEA, 1950, p.19)

O primeiro “cotejo regulamentar” foi positivo. Os envolvidos na partida tomaram gosto pelo esporte e o futebol foi incorporado ao SPAC. Por lá, Charles Miller jogou até 1910, onde conquistou quatro títulos do Campeonato Paulista (o primeiro torneio de futebol disputado no Brasil) e atuou como árbitro até 1914, além de ter sido presidente do clube social durante três anos.

Além do futebol, o paulistano também se destacou em outros esportes. Foi jogador de críquete, tenista – foi o fundador da Federação Paulista de Tênis – e jogador de rugby, tendo sido o organizador do primeiro time da modalidade na capital paulista, em 1895 e foi capitão do time paulista de críquete que disputou um torneio sul-americano. Miller “destacou-se em numerosos outros esportes, tendo sido sem conta as medalhas, menções honrosas, taças e troféus que adornam suas estantes” (MAZZONI, 1950, p.19). Além do futebol, Charles também trouxe da Europa e tentou introduzir no Brasil o polo aquático, porém essa modalidade não teve o mesmo sucesso que o esporte bretão.

Apesar de multiesportista, o profissionalismo ainda demoraria alguns anos para chegar a essas atividades, sobretudo ao futebol, o que fez o homem tido como pai desse esporte no Brasil dividir-se entre a vida atlético-desportista com a de um trabalhador comum da época.

Ao regressar da Inglaterra, Charles Miller trabalhou na São Paulo Railway Co., na seção de almoxarifado, onde exercera profícua atividade por espaço de quatro anos, transferindo-se, em 1898, para o “The London and Brazilian Bank Ltd”, cujo “staff” integrara até 1899, inclusive. Em 31 de dezembro desse ano despedira-se do “London Bank”, para, no dia 2 de janeiro do ano imediato, 1900, iniciar as suas atividades de funcionário da “Mala Real Inglesa”, cuja representação local, bem como a da “Phoenix” (companhia de seguros da Grã-Bretanha), além de várias outras valiosas agências, mantinha ao seu cargo o saudoso Percy Charles Parmenter Lupton<sup>3</sup> (MAZZONI, 1950, p.19).

Aos poucos, os brasileiros, que viam o esporte praticado pelos britânicos, tomaram gosto e começaram a fundar seus próprios times, como a Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo, em 1898, o primeiro criado por brasileiros e para brasileiros. Membros de outras colônias também passaram a criar suas equipes, como o Sport Club Internacional, fundado por “25 rapazes de diversas nacionalidades: brasileiros, alemães, franceses, portugueses e ingleses” (MAZZONI, 1950, p.23) em agosto de 1899 e o Sport Club

---

<sup>3</sup> Cônsul inglês no Brasil.

Germânia (hoje Esporte Clube Pinheiros), criado pelos alemães Hans Nobiling e os irmãos Rudolf e Herman Wahnschaffe, em setembro do mesmo ano.

Com o passar do tempo, aquele esporte trazido da Inglaterra começou a espalhar-se pelo estado de São Paulo e por todo o Brasil no decorrer dos anos do último centenário do milênio. Na capital paulista, nascia em 1900 o Clube Athletico Paulistano, uma das principais equipes da chamada “época romântica” do esporte, que fechou seu departamento de futebol em 1929. Já na cidade de Campinas, no interior paulista, nascia a Associação Atlética Ponte Preta, segundo time mais antigo do país em atividade, atrás apenas do Sport Club Rio Grande, clube da cidade de mesmo nome no sul do estado do Rio Grande do Sul, pioneiro no futebol gaúcho<sup>4</sup>.

Já no Rio de Janeiro, os grandes responsáveis pelo desenvolvimento do futebol na então capital federal foram Oscar Cox e Belfort Duarte. Cox, famoso por ter sido o fundador e primeiro presidente do Fluminense, teve contato com o esporte enquanto vivia na Suíça, enquanto Duarte, célebre personagem da história do America-RJ<sup>5</sup>, foi um dos fundadores e atleta do Mackenzie College.

## **2.2 O início do futebol em Santo André**

Já em Santo André, o futebol já ocorria dentre os trabalhadores do sistema ferroviário desde a chegada do esporte bretão no país como prática de lazer dos trabalhadores da ferrovia. Porém, tomou ares de seriedade a partir da criação do Serrano Atlético Clube, fundado em 3 de dezembro de 1903 em Paranapiacaba, distrito do município que na época era base de operações da SPR.

É importante ressaltar que, à época, a divisão geográfica dos locais não era a mesma de hoje. O que hoje é conhecido como Grande ABC era apenas a “área da Grande São Paulo”, que tinha apenas um município, chamado de São Bernardo, o qual se dividia em diversos distritos. A sede do município ficava onde hoje é o centro de São Bernardo do Campo, cidade vizinha a Santo André, que por sua vez tem o seu atual centro no antigo Bairro da Estação.

---

<sup>4</sup> A Ponte Preta, que atualmente disputa a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e do Campeonato Paulista, foi fundada em 11 de agosto de 1900, enquanto o Sport Club Rio Grande nasceu em 19 de julho do mesmo ano. Atualmente disputa a terceira divisão do futebol gaúcho.

<sup>5</sup> O America Football Club, clube carioca com sede na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado em 1904 e, diferentemente dos clubes de mesmo nome espalhados pelo Brasil e da grafia correta da língua portuguesa, não possui acento em seu nome pois este é registrado como na grafia inglesa. Disputou a Série A do Campeonato Brasileiro em 19 oportunidades e conquistou um terceiro lugar como melhor campanha, em 1961.

Segundo Assumpção (1990), a fundação do Serrano se deu depois da criação de outro clube na região, a Sociedade Recreativa Lyra da Serra, que tinha “a finalidade de promover diversões em salão: bailes, cinema, corpo cênico, banda de música, ping-pong” (ASSUMPÇÃO, 1990, p.3). Como o futebol não fazia parte das atividades propostas pelo Lyra da Serra, outros ferroviários – liderados por engenheiros da SPR – decidiram criar o Serrano.

Posteriormente, em 1936, um zagueiro conhecido como Mister Wellington, então superintendente da ferrovia, resolveu construir um prédio de dois andares para ambas as sociedades, condicionando a união de ambas para o uso do espaço. Assim, em 15 de outubro daquele ano, nasceu a União Lyra-Serrano.

Diferentemente dos clubes fundados tanto na capital do estado quanto no litoral, sobretudo aqueles ligados à ferrovia, que em sua maioria era fundado por ingleses, o futebol em Santo André tem desenvolvimento ligado aos imigrantes italianos.

Até 1907 o Serrano foi o único time de futebol existente na hoje famosa região do Grande ABC. O Operário FC nasceu em setembro daquele ano na região onde hoje é o centro de Santo André. Pouco depois, pelo menos outros quatro times surgiram na cidade e mais dois no território onde hoje é a cidade de São Caetano do Sul.

A primeira agremiação que alcançou o futebol profissional em Santo André foi o então Corinthians Foot-Ball Clube de São Bernardo<sup>6</sup>. A equipe, fundada em 15 de agosto de 1912, foi a campeã do primeiro campeonato disputado na cidade, em 1919, e ficou marcada por ser quem sofreu o primeiro gol de um jovem atacante chamado Gasolina no elenco profissional do Santos justamente em sua estreia, no dia 7 de setembro de 1956, num amistoso entre os alvinegros andreense e litorâneo, que terminou com goleada do time da Vila Belmiro por 7x1. O então jovem atacante Gasolina passaria anos depois a ser conhecido mundialmente e entraria para a história do futebol com uma nova alcunha: Pelé. (ASSUMPÇÃO, 1990, p.6).

Durante o período em que esteve no futebol profissional, de 1949 a 1961, o clube do bairro da Vila Alzira disputou 12 edições de campeonatos estaduais, variando entre a segunda e a quarta divisão. Sua campanha de maior destaque foi a de campeão da Zona Sul do Paulistão, em 1951. No início dos anos 60, licenciou-se das atividades profissionais por

---

<sup>6</sup> À época, Santo André ainda não havia se emancipado de São Bernardo. Hoje, o clube é conhecido como Corinthians Football Club de Santo André.

questões financeiras e até tentou unir-se com o Ypiranga, histórica equipe da capital, mas voltou atrás graças às represálias dos torcedores e principalmente da imprensa andreense.

Alguns anos depois, a equipe de futebol classista da Pirelli ocupou o espaço no futebol profissional deixado pelo “Corinthians do ABC”, tendo estreado no ano de 1964 no que hoje seria equivalente à quarta divisão do futebol estadual. Teve destaque logo no primeiro ano, quando se classificou às fases finais, todavia nela não teve boa aparição. A equipe da multinacional italiana de pneus ainda disputou outras três edições do Campeonato Paulista antes de voltar ao amadorismo, em 1967.

Já o Santo André Futebol Clube foi fundado em 18 de setembro de 1967. Uma reunião envolvendo 263 pessoas no Tiro de Guerra da cidade selou a criação da equipe, que tinha como principal objetivo a criação de um time que visasse a profissionalização – o futebol na cidade neste momento, apesar de forte e relativamente bem estruturado, era amador. O “Corinthians do ABC”, neste momento, já havia abandonado o profissionalismo e voltado para o amadorismo. Porém, oito anos mais tarde, por questões financeiras, a equipe foi passada a outro investidor que mudou o nome para Esporte Clube Santo André, que se mantém até os dias atuais.

Empresário, sócio-gerente da Metalúrgica São Justo, Acyr de Souza Lopes mantinha uma equipe de futebol classista em Santo André, fundada em 10 de janeiro de 1974. Acompanhado de Antonio Carlos Agio, o empresário recebeu Wigand e Lauro<sup>7</sup>. A proposta dos dirigentes do Santo André era para que Acyr Lopes e Antonio Agio assumissem a direção do Santo André FC. [...] Duas ou três reuniões depois o empresário colocou sua posição: ficaria com todo o elenco do Santo André e este pagaria todas as dívidas, mas o nome do clube teria que ser AA São Justo. [...] A 22 de março de 1975, o Conselho Deliberativo da AA São Justo realizou uma reunião com a seguinte ordem do dia: 1º) Mudança do nome de AA São Justo para Esporte Clube Santo André [...] A reunião do Conselho Deliberativo da AA São Justo está registrada em ata. [...] Oitenta e oito votos disseram sim; dois representantes disseram não. Por fim, Miguel Cesário Ricco declarou que estava aprovado o nome de Esporte Clube Santo André para o clube (ASSUMPÇÃO, 1990, p. 97-98).

Desde então, a equipe sempre figurou nos principais torneios profissionais do futebol paulista. Antes da conquista da Copa do Brasil de 2004, maior façanha de sua história, o clube já havia feito boas aparições em alguns dos campeonatos que disputou. O primeiro deles foi logo no primeiro ano com o novo nome, com a conquista do título do Campeonato Paulista da Segunda Divisão – que, apesar do nome, era a quarta divisão do futebol estadual.

---

<sup>7</sup> Wigand Rodrigues e Lauro Oliani, respectivamente presidente e vice-presidente do Santo André FC em 1967.

Apesar da conquista, o Santo André não foi promovido à divisão superior. O acesso só veio seis anos depois, em 1981. Já em 1984, o Ramalhão jogou o Campeonato Brasileiro pela primeira vez em sua história e terminou a competição na décima colocação.

Além das conquistas do biênio 2003-2004, destacam-se o acesso à Série A do Brasileirão como vice-campeão em 2008 e o vice-campeonato da Série A1 do Paulista em 2010, além dos títulos da Série A2 do estadual em 2008, 2016 e 2019 e da Copa Paulista em 2014. Atualmente, a equipe disputa a primeira divisão do Campeonato Paulista e a quarta do Campeonato Brasileiro.

### **2.3 A Copa do Brasil**

A Copa do Brasil é, junto do Campeonato Brasileiro, o principal torneio de futebol do país. Disputada pela primeira vez em 1989, passou por diversas transformações até o atual modelo de disputa, passando pelo aumento de clubes e do valor de premiação. Desde a primeira edição, o vencedor garante vaga na Copa Libertadores da temporada seguinte.

O torneio surgiu como uma forma de amainar federações das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Entre 1973 e 1986, o Campeonato Brasileiro sempre contou com a presença de pelo menos um representante de cada federação que mantivesse um torneio de futebol profissional. Porém, por questões políticas e financeiras, o torneio passou por uma mudança de formato que diminuiu a quantidade de clubes que o disputava e colocou com regra para suas presenças a posição destes no ranking da CBF<sup>8</sup>.

Dessa forma, a maior parte dos clubes dessas regiões ficaram “esquecidos”. Com um poderio financeiro, político e de alcance menor se comparado aos de outras partes do país, principalmente aqueles próximo dos grandes centros, passaram a ter pouca ou quase nenhuma representatividade no principal torneio de futebol do país. Nesse contexto nasceu a Copa do Brasil em 1989, que teve o Grêmio como o primeiro campeão.

Desde sua criação, o torneio passou por diversas reformulações em seu regulamento, que modificou desde o número de clubes participantes – a primeira edição contou com 34 clubes, enquanto a de 2022 foi disputada por 92 –, até a duração do torneio e o valor da premiação.

---

<sup>8</sup> Confederação Brasileira de Futebol, entidade responsável pela gerência do futebol no país.

Em 2004, ano em que o Santo André sagrou-se campeão, o formato tinha suas distinções. Diferentemente do modelo atual, em que o torneio tem sua periodicidade durante toda a temporada, naquele ano o campeonato era mais curto, jogado entre fevereiro e junho. Além disso, os clubes que jogaram a Libertadores daquele ano (Cruzeiro, Coritiba, Santos, São Caetano e São Paulo) não disputaram a Copa do Brasil e o número de participantes era menor comparado a edição de 2022: 64 times.

Para contar essa história, o formato escolhido para contar a trajetória do título do Santo André na edição de 2004 do “campeonato mais democrático do futebol nacional” foi o podcast, formato este que está em alta no atual momento. Desta forma, abaixo, entraremos nas discussões teóricas acerca dos conceitos de podcast e de *storytelling*.

### **3. PODCAST**

#### **3.1 Conceito de Podcast**

O podcast, apesar de viver um “boom” nos últimos anos, não é uma novidade. O modelo começou, ainda de forma incipiente, a dar os primeiros passos junto com o surgimento da internet, mas foi no começo dos anos 2000 que passou a ganhar força graças à popularização das redes de banda larga.

Segundo Orlando (2020, *apud* LUIZ; ASSIS, 2010), podcasts são arquivos de áudio, vídeo ou qualquer outro formato que são distribuídos pelo chamado “podcasting”, ou seja, de forma atemporal. A palavra surge da união entre “pod”, de iPod (aparelho portátil de reprodução de áudio produzido pela empresa estadunidense Apple) e “casting”, que vem de “broadcasting”, que significa transmissão em larga escala.

Luiz e Assis (2010) assinalam que o primeiro podcast produzido no Brasil surgiu em outubro de 2004. Na época, para consumir um episódio de podcast, o ouvinte precisava acessar o site que hospedava este programa e fazer o download do arquivo de áudio.

Com a chegada da possibilidade de se fazer o download automático destes episódios pelos chamados agregadores graças à tecnologia RSS (*Really Simple Syndication*), que é “uma maneira de relacionar o conteúdo de um blog de forma que seja entendido pelos agregadores de conteúdo” (LUIZ e ASSIS, 2010, p. 2-3). Isso ocorre porque o RSS codifica o conteúdo dos blogs de maneira que os programas sejam entendidos e apresentem atualizações automaticamente nos “feeds” que quem o acompanha.

O RSS foi originalmente criado para unir textos em um feed. Para que funcionasse com áudio, era necessário criar uma forma de se anexar o tipo de arquivo de áudio (como o formato *.mp3*, por exemplo) ao RSS. Quem criou esse "*enclosure*" foi Dave Winer, para que o jornalista Christopher Lyndon, do jornal The New York Times, pudesse publicar uma série de entrevistas na internet, em 2003.

Com o passar dos anos, a forma de se produzir e consumir podcasts também evoluiu. Se há 20 anos cada episódio durava algo em torno de 15 minutos, hoje é comum encontrarmos que variam de uma até três horas de duração. Os temas também variam bastante. Existem podcasts específicos para cada nicho, desde entrevistas com personalidades do mundo pop a reportagens investigativas ou histórias sobre crimes reais. Além disso, as transmissões dos episódios de podcasts pelo YouTube deu ao formato a possibilidade de ser um produto também visual. Segundo Abud (2019), a linguagem usada e o formato “estimulam o público a buscar tais títulos”.

Fato é que

O podcasting, radiofonia sob demanda e assíncrona, possibilita que o usuário baixe e/ou reproduza o arquivo sonoro quando desejar, podendo estar nos computadores, tablets, smartphones e outros aparelhos eletrônicos. Este campo de comunicação engrossa o tráfego na internet, incentivando uma nova lógica de consumo de conteúdos radiofônicos, sendo compartilhados nas redes sociais, o que atualmente potencializa a circulação dos programas e episódios (CAMPOS e FERREIRA, 2021, p. 30-31).

Dessa forma, a escolha pelo podcast como maneira de perpetuar a história proposta por este trabalho se dá pela desobrigatoriedade de acompanhar os episódios em um horário específico, evitando assim que o ouvinte perca alguma parte da série por simplesmente não poder acompanhar o episódio naquele momento, e pela possibilidade de atingir outros nichos que não apenas os torcedores do Santo André ou os que gostam de futebol. Além disso, a produção de um podcast não demanda alto conhecimento técnico ou investimento financeiro, como apontam Luiz e Assis (2010).

### 3.2 Storytelling

Para contar a história, o formato escolhido foi o *storytelling*. Segundo pesquisa divulgada pela Associação Brasileira de Podcasts em 2019, este foi o formato menos consumido durante o ano. Ao todo, 1.079 podcasts foram categorizados em sete formatos, que são roda de conversa, monólogo, debate, entrevista, documentário e *storytelling*. No resultado

final, apenas 1,9% dos participantes afirmaram que consomem podcasts no modelo da última opção.

O *storytelling* não é um formato novo e, apesar do baixo número de consumidores segundo a pesquisa, há exemplos de sucesso. O podcast “Projeto Humanos”, de Ivan Mizanzuk, é um deles. Sua quarta temporada, “O Caso Evandro”, trouxe à tona diversas novas informações sobre o caso do desaparecimento de Evandro Ramos Caetano, em 1992, no Paraná, e seus desdobramentos. O sucesso foi tanto que o tema passou do áudio ao vídeo, já que foi transformado em uma série que está disponibilizada no serviço de *streaming* Globoplay. Atualmente na quinta temporada, o “Projeto Humanos” trata sobre uma série de crimes que ocorreram em Altamira, cidade do interior do Pará, entre os anos de 1989 e 1993.

Outros produtos, como o “Praia dos Ossos” – que trata sobre o assassinato da socialite Ângela Diniz em 1976 – e “O Sequestro da Amarelinha” – sobre os casos de corrupção dentro no futebol –, ambos produzidos pela Rádio Novelo (o segundo em parceria com a Swissinfo e a Revista Piauí), também são exemplos de fórmulas de sucesso dentro deste modelo.

O podcasting é, segundo Kischinhevsky (2018), uma modalidade radiofônica e que permite o impulsionamento de uma nova lógica de consumo de produtos dessa própria modalidade, potencializando o conceito de “rádio expandido”, em que “transborda as ondas hertzianas para diversos outros suportes e plataformas” (KISCHINHEVSKY, 2018, p.8). Dessa forma, facilita a democratização desses conteúdos radiofônicos, de certa forma graças à evolução tecnológica.

Com a evolução do tempo e da forma de se produzir podcasts, o próprio podcasting tornou-se um gênero que pode ser chamado de “jornalismo narrativo”, no qual as reportagens são produzidas com apuração exaustiva de “informações, de cenas e ambiências” (KISCHINHEVSKY, 2018, p.8) ou, como aponta Viana (2020, *apud* Kischinhevsky, 2018),

o jornalista ouve amplamente as fontes e recorre à ilustração dessas personagens várias vezes ao longo da produção, e o fato de não haver uma restrição de tempo das sonoras utilizadas como ocorre no radiojornalismo convencional (VIANA 2020 *apud* KISCHINHEVSKY, 2018, p.2).

Por outro lado, Cunha e Mantello (2014) entendem que os jornalistas são os responsáveis por reportar a história, sem necessariamente se valer da ilustração desses personagens. Para eles, “o termo em inglês pode ser traduzido como algo próximo à contação de histórias, na qual o jornalista é o contador (*teller*) e o fato apurado (*story*) é o que deve ser narrado.” (CUNHA; MANTELLO, 2014, p.58). Os mesmos autores entendem que

[...] a técnica do storytelling requer um bom começo, para fisgar o leitor (ou telespectador) como se fosse um anzol, e manter esse ritmo até a conclusão do texto. Portanto, storytelling não tem a ver com pirâmide invertida, mas pode oferecer elementos estéticos à narrativa jornalística baseada na pirâmide invertida com base retangular, cujo final mantém-se rico em informação e elementos atrativos do bom texto. (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 61).

Assim, pode-se concluir que o *storytelling* apesar de ter como característica inerente a ilustração das fontes que corroboram com a história, não é uma regra, uma vez que com a história devidamente apurada e calcada em fatos, o jornalista pode se valer desse modelo para contar por ele mesmo a história, como o que fiz nos quatro episódios deste projeto.

## 4. RELATÓRIO TÉCNICO

### 4.1 A proposta do podcast

A conquista da Copa do Brasil de 2004 pelo Santo André já era uma dos temas do TCC que eu tinha em mente desde quando entrei na faculdade, em 2016, mas só tomou forma em 2019. Durante a disciplina COM 353 - Narrativas Jornalísticas III, tivemos que produzir uma grande reportagem com um assunto de nossa escolha. Decidi, então, fazer justamente este tema, mas sob a visão de um torcedor que frequentou as partidas.

Para o TCC, decidi fazer, num primeiro momento, um livro-reportagem, mas acabei mudando para o podcast quando soube que Vladimir Bianchini, repórter da ESPN, lançaria a obra “Eles Calaram o Maracanã”, em 2021.

A inspiração para o *storytelling* veio depois da audição do “O Sequestro da Amarelinha”, produto já citado neste trabalho e após reassistir depois de muito tempo o documentário “Inacreditável - A Batalha dos Aflitos”, lançado em 2007 e que narra a trajetória do Grêmio na Série B de 2005, com destaque ao duelo entre Náutico e Grêmio, que dá nome ao filme.

### 4.2 O processo de pré-produção

O projeto do podcast começou pela pesquisa. Primeiro, com a obra lançada por Vladimir Bianchini. Tomei a cronologia dele como o fio condutor de meu trabalho. Outras pesquisas sobre o tema foram retirados de matérias do periódico andreense Diário do Grande ABC, o qual cobriu a campanha do Santo André no torneio e de demais matérias encontradas na internet, que mesmo escassas, deu para ter uma certa noção do caminho do clube no torneio.

Para fazer este trabalho entrei em contato com alguns dos atletas que participaram da campanha na Copa do Brasil. Como o time passou por uma reformulação no decorrer da competição, optei por entrevistar os que participaram de todo o torneio. O contato com essas fontes foi possibilitado graças ao próprio Bianchini, que me deu primordial ajuda servindo de ponte aos jogadores os quais eu não tinha contato.

### 4.3 O processo de produção

As conversas foram realizadas de forma remota. Num primeiro momento, pensei em usar a plataforma Zencast para fazer as entrevistas, mas optei por fazê-las pelo Google Meet pelo fato dos entrevistados já terem familiaridade com essa plataforma.

A escrita dos roteiros baseou-se no material de pesquisa que encontrei e na cronologia do livro de Vladimir Bianchini. Resolvi começar a contar a história pelo ano de 2003 pela importância do contexto histórico do fato, uma vez que boa parte dos atletas que comemoraram o título da Copa do Brasil em 2004 participaram ativamente dos torneios citados do ano anterior (Campeonato Paulista, Série C do Brasileirão e a Copa Estado de São Paulo).

Com as entrevistas feitas e as informações devidamente apuradas, passei duas semanas no processo de escrita dos roteiros. Os áudios das narrações de gols e das matérias usadas, além do áudio usado como música de fundo durante as cabeças dos episódios e o hino do clube foram retirados do YouTube.

Durante o período de edição dos episódios, julguei que as entrevistas que realizei não estavam boas o suficiente. Pelo avançar do tempo e por conflitos de agenda, refazer estas entrevistas se tornou tarefa difícil. Dessa forma, tomei a decisão de usar somente minha voz e as narrações dos gols do Santo André no torneio para retratar a história.

A gravação dos episódios foram feitas em casa, com um microfone condensador, que para esse fim possui qualidade superior a qualquer outro. A edição foi feita pelo Adobe Audition.

#### 4.3.1 Listagem das fontes e função no clube na época dos acontecimentos

<b>FONTES</b>	<b>FUNÇÃO</b>
Alex Bruno	Jogador (zagueiro)
Celso Luís de Almeida	Vice-presidente do clube
Elvis	Jogador (meia)
Gabriel	Jogador (zagueiro)
Osmar	Jogador (atacante)
Romerito	Jogador (meia/volante)

Sandro Gaúcho	Jogador (atacante)
Sérgio do Prado	Diretor de futebol
Sérgio Soares	Jogador (volante) e assistente técnico

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gosto pelo esporte é algo que não me foi herdado. Pai, mãe, tio ou outro parente não me influenciou a gostar desse ou daquele esporte. Se eu assistir e gostar, acompanho com afinco e, nesse contexto, nenhum esporte que já tive a oportunidade de acompanhar mexeu comigo como o futebol.

Usar este espaço para falar dele e, sobretudo, sobre o Santo André é muito significativo e não cabe em palavras. Paixão, carinho, admiração e respeito é algo que não se explica, se sente. Minha relação tanto com o clube quanto com a cidade de Santo André é profunda. Foi lá onde nasci, cresci, aprendi a jogar e gostar de futebol e ter a chance de dar uns chutes em uns campos por aí.

O jornalismo “narrado”, como diz um bom colega, também é parte intrínseca de mim. Tive proximidade com ele durante meu percurso acadêmico e logo tomei gosto. Nesse momento especial de minha trajetória não poderia escolher outro formato.

É inegável que produzir este TCC me deu trabalho, mas mesmo assim foi muito prazeroso. A famosa frase “trabalhe com o que você ama e nunca mais precisará trabalhar” neste caso, de forma pessoal, faz sentido. Espero que, ao findar este capítulo, ter alcançado meu objetivo principal: fazer a história da maior conquista do Esporte Clube Santo André não cair no esquecimento.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Marcelo. **Tendências do podcast no Brasil: Formatos e Demandas**. São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.faap.br/nimd/pdf/2019-08\\_podcast\\_REV.pdf](https://www.faap.br/nimd/pdf/2019-08_podcast_REV.pdf). Acesso em: 4 jul. 2022.

ASSUMPÇÃO, Paschoalino. **História do Futebol em Santo André**. 1.ed. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André, 1990.

BIANCHINI, Vladimir. **Eles calaram o Maracanã: como o Santo André conquistou a Copa do Brasil em 2004**. 1.ed. Santo André: Fabricando Ideias, 2021.

BOLA NA ÁREA. **Tabela de jogos da Copa Libertadores da América de 2005**. Disponível em: [https://www.bolanaarea.com/libertadores\\_2005\\_tab.htm](https://www.bolanaarea.com/libertadores_2005_tab.htm). Acesso em: 21 ago. 2022.

BOLA NA ÁREA. **Tabela de jogos da Série B do Campeonato Brasileiro de 2004**. Disponível em: [https://www.bolanaarea.com/serie\\_b\\_2004\\_fase1.htm](https://www.bolanaarea.com/serie_b_2004_fase1.htm). Acesso em: 11 ago. 2022.

CAMPOS, Rafael Santos; FERREIRA, Thaynara Carolino. **Podcast “Cadê o Meu Lugar?”: a chegada da Zona da Mata Mineração em Teixeira, Minas Gerais**. Orientadora: Dra. Adriana Bravin. 2021. 54 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: [https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3353/6/MONOGRAFIA\\_PodcastCadêLugar.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3353/6/MONOGRAFIA_PodcastCadêLugar.pdf). Acesso em: 26 jun. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádios em episódio, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrado. *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, 5(10), 74-81. Disponível em: <http://www.revistaeic.eu/index.php/raeic/article/view/148/153>. Acesso em: 19 dez. 2022.

LUIZ, Lucio; ASSIS, Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, de 3 a 6 de setembro de 2010. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MIRACELLY ROCHA DA CUNHA, Karenine; FRANCISCO MANTELLO, Paulo. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v.9, n.2, p.56-67, 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/185>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ORLANDO, Matheus Ramalho. Jornalismo esportivo em podcast: discussões sobre um formato em ascensão. **18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, de 3 a 6 de novembro de 2020. Disponível em: <https://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2516/1291>. Acesso em 18 jun 2022.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil** - <https://doi.org/10.1590/S1517-45222004000100012>

RSSSF BRASIL. **Tabela de jogos da Copa do Brasil de 2004**. Disponível em: <https://rssfbrasil.com/tablesae/cbr2004.htm>. Acesso em: 21 ago. 2022

RSSSF BRASIL. **Tabela de jogos da Copa Estado de São Paulo de 2003**. Disponível em: <https://rssfbrasil.com/tablesae/csp2003.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022

RSSSF BRASIL. **Tabela de jogos da Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2003**. Disponível em: <https://rssfbrasil.com/tablesae/cspjr2003.htm>. Acesso em: 19 ago. 2022

RSSSF BRASIL. **Tabela de jogos da Série C do Campeonato Brasileiro de 2003**. Disponível em: <https://rssfbrasil.com/tablesae/br200313.htm>. Acesso em: 13 ago. 2022.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos . **Comunicação Pública**, [S. l.], v. 16, n. 31, 2021. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/72/198>. Acesso em: 30 jun. 2022.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **RuMoRes**, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>. Acesso em: 12 jul. 2022.

## 7. ANEXO - ROTEIRO DOS EPISÓDIOS

<b>Episódio 1</b> O ano de 2003 e o jogo contra o Novo Horizonte	<b>Roteiro e Apresentação</b> Wesley Bião	<b>Edição</b> Wesley Bião
--	--	------------------------------

<p style="text-align: center;"><b>BG HINO</b></p> <p style="text-align: center;"><b>BG HINO DESCE SOM</b></p>	<p>O mundo do futebol é cheio de expressões. Uma delas, bem famosa, chama de zebra aquele resultado inesperado, impossível de acontecer.</p> <p>A história conta que a gíria surgiu no Rio de Janeiro, em 1964. A Portuguesa da Ilha do Governador enfrentaria o Vasco pelo Campeonato Carioca.</p> <p>Gentil Cardoso, treinador da Lusa, perguntado sobre o duelo teria respondido que daria zebra e a Portuguesa venceria.</p> <p>A referência da expressão é o jogo do bicho, já que o animal não faz parte da lista dos 25 que estão na tabela da jogatina. Fato é que, no fim, a Portuguesa venceu por 2x1 e a expressão se popularizou.</p> <p>O ano de 2004 ficou marcado pelas diversas zebras ao redor do mundo. Na Europa, a Grécia venceu Portugal na final da Eurocopa dentro da casa adversária e levou o título. Já aqui na América do Sul, o colombiano Once</p>
---	---

Caldas venceu nos pênaltis o então campeão e todo poderoso Boca Juniors e ficou com a taça da Libertadores.

Aqui no Brasil não foi diferente. A Copa do Brasil viu o que talvez seja um dos resultados mais inesperados do futebol nacional.

O mesmo Rio de Janeiro que 40 anos antes viu a Portuguesa de Gentil Cardoso vencer o Vasco, viu o Santo André de Elvis, Sandro Gaúcho e companhia calar mais de 70 mil vozes rubro-negras e fazer levantar poeira no Maracanã.

Eu sou Wesley Bião e este é o podcast “Dentre os clubes o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004”.

### SOBE SOM HINO

Para falarmos de 2004, a gente precisa voltar um pouquinho no tempo para falar de 2003. Nossa caminhada começa bem no começo do ano, na famosa Copa São Paulo de Futebol Júnior – ou Copinha, para os mais íntimos –, a grande vitrine de craques do futebol de base brasileiro.

O torneio, que estava na sua 34ª edição, contou com mais uma vez com a presença do Santo André, que dessa vez jogava em casa, no estádio Bruno José Daniel.

O Ramalhão passou sem sustos pela fase de grupos depois de vencer as três partidas que fez, contra São Paulo, Goiânia e Sergipe.

Nas fases eliminatórias, o time do ABC mostrou força e despachou outras equipes tradicionais do futebol brasileiro: nas oitavas, a vítima foi o Botafogo. Nas quartas, o Cruzeiro e na semifinal eliminou o Vasco.

Na decisão, o adversário foi o Palmeiras. Em campo, o time alviverde mostrou superioridade e abriu 2x0, com gols de Fabio Francez e de Vagner Love, o grande destaque daquele time.

Perdendo por 2x0, Geime Rotta, o treinador andreense, resolveu pedir tempo técnico e ter uma conversa com o elenco.

No papo, pediu para que o time não se acovardasse e que se fosse para perder, que perdesse jogando bola.

A conversa parece ter surtido efeito e três minutos depois de tomar o segundo gol, o Santo André descontou com Tássio.

**SONORA - NARRAÇÃO DOS GOLS**

Com apenas um gol de desvantagem, o Ramalhão se lançou ao ataque e conseguiu o empate no último minuto com Denni, de pênalti.

A igualdade persistiu durante os 30 minutos da prorrogação e a decisão de qual time venceria a Copinha pela primeira vez na sua história foi para a marca da cal.

Nos penais, brilhou a estrela do goleiro Júnior Costa, que pegou logo a primeira cobrança adversária. Pelo lado do time do ABC Paulista, Denni, Alex Bruno, Rodrigo Sá, Regivan e Nunes mostraram competência em suas cobranças e garantiram ao Santo André o título do principal torneio de categorias de base do Brasil.

Naquele 25 de janeiro, o Estádio do Pacaembu testemunhou a consolidação de uma geração que participaria ativamente das conquistas das temporadas de 2003 e 2004.

Aos palmeirenses, restou apenas o desespero e a selvageria.

**SONORA - PALMEIRAS QUERENDO  
INVADIR O CAMPO**

Depois da histórica conquista na base, parte dos atletas campeões foram promovidos ao

elenco profissional, que naquele ano, além do Paulistão, também jogariam a Série C e a Copa Estado de São Paulo.

No campeonato estadual, o time abecedista não conseguiu a classificação para a segunda fase. Restou ao clube, então, se preparar para os dois torneios restantes da temporada.

O problema é que entre sua eliminação no Paulistão e as competições seguintes houve um hiato de três meses e meio sem competições oficiais. Tanto tempo sem receber valores de cotas de TV ou de ajuda da CBF fez com que o clube dispensasse parte do elenco para cortar custos.

Apesar do elenco enfraquecido em relação àquele que jogou o Paulistão, o longo tempo de preparação entre um campeonato e outro fez o time ficar afinado e ter um início excelente na então Copa Estado de São Paulo.

Esse torneio, hoje chamado de Copa Paulista, foi criado pela Federação Paulista de Futebol para equipes que não costumavam ter calendário no segundo semestre do ano disputarem algum torneio. Como recompensa, o time campeão garantia vaga na Copa do Brasil do ano seguinte.

O Santo André começou o campeonato de forma avassaladora: foram nove vitórias seguidas, inclusive sobre os times B do São Paulo e do Palmeiras, que contava com remanescentes do elenco que ficou com o vice da Copinha.

Na esteira da boa campanha pelo torneio estadual, o Ramalhão também começou sua caminhada na Série C, que era a última divisão do futebol brasileiro.

A Série D, que hoje ocupa essa função, só teria sua primeira edição disputada seis anos depois, em 2009.

A partir desse momento, o Santo André precisou se dividir entre as duas competições. Os jogadores tinham pouco tempo de recuperação, já que jogavam praticamente a cada três dias e a comissão técnica tinha que lidar com situações adversas, como a que o time teve dois jogos diferentes por competições diferentes em dias seguidos.

Por sorte, o sistema de divisão dos clubes por grupos na Série C era regionalizado, então os outros dois times que dividiram o grupo 24 com os abecedistas também eram paulistas. Um era o Rio Branco de Americana, e o outro o Atlético Sorocaba.

O Ramalhão conseguiu a classificação para o mata-mata como o segundo colocado do seu grupo pelo saldo de gols depois de uma campanha fraca, onde conquistou apenas uma vitória em quatro partidas.

Se na primeira fase a classificação veio no sufoco, no mata-mata foi com um pouco menos de sofrimento – e isso é muito por conta da mudança de treinador.

Antes do começo da segunda fase, Geime Rotta, que assumiu o time depois do fim do Paulistão, foi demitido por supostamente não conseguir gerir o aquele elenco formado parte por jogadores já experientes e parte por jovens recém-promovidos ao time principal. Para seu lugar, a diretoria andreense contratou Luiz Carlos Martins.

Nas quatro fases de mata-mata que vieram antes do quadrangular final, o Santo André ficou marcado por vencer a partida de ida e perder a de volta.

Foi nessa toada que o clube passou por Sertãozinho, Botafogo de Ribeirão Preto, Cabofriense nos pênaltis e Bragantino – que na época não tinha ligação nenhuma com empresa de bebidas energéticas.

Com a classificação conquistada, era hora de pensar no quadrangular final, que

recompensaria os dois primeiros colocados com o acesso para a Série B.

Quem compunha o grupo eram, além do Santo André, o também paulista Ituano e os paraibanos Campinense, de Campina Grande, e Botafogo, de João Pessoa.

A última fase começou de forma positiva, com duas vitórias: 1x0 no Campinense em casa e 3x1 no Botafogo na capital paraibana. No terceiro jogo, derrota por 1x0 para o Ituano no campo adversário.

O empate sem gols em casa contra a equipe de Itu na quarta rodada faria com que o Ramalhão precisasse de uma vitória simples em casa contra o Botafogo para conquistar o tão sonhado acesso. Mas...

#### SONORA - MATÉRIA DE SANTO ANDRÉ x BOTAFOGO-PB

Se a situação de perder a chance de garantir o acesso em casa e precisar vencer fora para não jogar o trabalho do campeonato todo por água abaixo já era ruim, conseguiu ficar pior.

Faltando apenas a partida mais importante da Série C e as finais da Copa Estado de São Paulo, que o Santo André alcançou fazendo ótima campanha, Luís Carlos Martins deixou o comando da equipe.

Para seu lugar, o Ramalhão apostou na volta de Luiz Carlos Ferreira para tentar salvar a temporada.

Ferreirão, que faleceu em 2020, já era velho conhecido da torcida, do clube e principalmente daquele grupo, já que foi o treinador do time durante o Paulistão, no começo do ano.

Com sua característica nada usual de mexer com o brio dos atletas na base do grito e das ofensas, Ferreirão e o Santo André, apesar de toda dificuldade encontrada e do ambiente hostil protagonizado em Campina Grande, fizeram sua parte.

#### SONORA - MATÉRIA DE CAMPINENSE x SANTO ANDRÉ

Com a vitória por 2x1 de virada, o time paulista conquistou o acesso, mas a derrota em casa para o Botafogo custou ao time do ABC o título, que ficou com o Ituano, que seria, coincidentemente, o grande adversário da final na Copa Estado de São Paulo.

O clima entre as equipes não era lá muito cordial. Os jogadores do Galo de Itu provocavam os andreenses pelo vice da terceira e, nesse clima, a primeira partida da final foi disputada em Itu e o rubro-negro venceu por 1x0. Porém, no jogo de volta, o cenário foi diferente...

Decidindo sob seus domínios, o Santo André não tomou conhecimento dos adversários e foi para cima. Com dois gols de Fábio Reis, um de Tássio e outro de Anderson Careca, o Santo André goleou o Ituano por 4x1 e se sagrou o grande campeão da Copa Estado de São Paulo daquele ano.

Além da taça e da revanche, os andreenses ainda garantiram a vaga para a Copa do Brasil em 2004 e encerraram um ano mágico para o clube, que para muitos dificilmente seria superado.

Mal sabiam o que o ano de 2004 os reservava. E ele logo chegaria.

Aquela que viria a se tornar a grande glória da história do clube nem estava nos planos do time no ano de 2004. O grande objetivo da equipe para aquele ano? Se manter na primeira divisão paulista e na Série B do Brasileirão, campeonato que não era disputado pelo Santo André desde 1989.

Mas, como de grão em grão a galinha enche o papo, de jogo em jogo o Ramalhão chegou ao título. E o primeiro passo foi dado na tarde de 18 de fevereiro, contra o Novo Horizonte, de Goiás.

A equipe de Ipameri, no interior do estado, era, assim como o Santo André, estreante na competição. O surpreendente vice-campeonato estadual no ano anterior deu ao time a chance de disputar a Copa do Brasil.

Antes de entrarmos na história de fato, é bom deixar claro que a Copa do Brasil em 2004 era bem diferente em relação ao que é agora. Começando pela duração do torneio: em 2004, o campeonato foi disputado entre os meses de fevereiro e junho. Agora, desde 2012, o torneio é diluído durante toda a temporada, começando em março e indo até dezembro.

Outro ponto a se destacar é a quantidade de clubes participantes. Em 2004, foram 64 equipes. Já em 2022 foram 92. E por último, mas não menos importante, o dinheiro. Se o Flamengo, campeão em 2022, faturou o astronômico valor de R\$ 60 milhões só pelo título, o Santo André ganhou apenas um milhão de reais por ter sido o campeão.

Antes mesmo da chegada andreense no Centro-Oeste, o time já enfrentou sua primeira dificuldade no duelo.

Em 2004, as coisas mudaram no time goiano. O elenco não era o mesmo que foi

derrotado nos pênaltis pelo Goiás na final do estadual do ano anterior.

Na internet, que ainda estava se popularizando no Brasil no começo dos anos 2000, não se tinha quase nenhuma informação sobre quem eram os destaques do adversário e como o time costumava jogar. O duelo seria às cegas.

Como se não bastassem, ao chegarem na cidade goiana se depararam com o campo do acanhado estádio Durval Ferreira deteriorado graças às chuvas que caíram sobre a cidade, parecendo mais um pasto do que um campo de futebol.

Mesmo com o gramado em situação deplorável, o time conseguiu imprimir seu ritmo de jogo e abriu o placar cedo, aos nove minutos, com Makanaki.

#### **NARRAÇÃO GOL MAKANAKI**

A superioridade técnica do time paulista em face ao goiano era clara. Antes do fim da primeira etapa, o Santo André aumentou o placar para 3x0, com dois do atacante Jean Carlos.

#### **NARRAÇÃO DOS GOLS JEAN CARLOS**

O placar construído na primeira metade da partida já era suficiente para eliminar a

necessidade do jogo de volta. Mas, se alguém pensou que o resultado folgado fosse suficiente para frear o ímpeto dos paulistas, se enganou.

Aos 19 da etapa final, o zagueiro Fábio, do Novo Horizonte, quis participar da festa e também marcou o seu, mas no gol errado. Elvis, que era um dos reforços andreenses para aquela temporada e se tornou peça fundamental para o título, fez aos 39 e deu números finais pro duelo: Novo Horizonte zero, Santo André cinco.

#### NARRAÇÃO DOS GOLS CONTRA E DE

#### ELVIS

A vitória foi importante para dar gás e confiança ao time e para mostrar que a mudança tática proposta por Luiz Carlos Ferreira, ao mudar o esquema de 4-4-2 para 3-5-2, deu resultado. Foi dessa forma que o time jogou até o fim da competição, mesmo depois de Ferreirão deixar o comando do time.

Na segunda fase, o nível de dificuldade aumentou para o Santo André, já que o adversário seria o Atlético-MG. Mas essa história eu vou deixar para o próximo episódio.

#### ENTRA BG ODEON

Eu sou Wesley Bião e se você me ouviu até aqui eu agradeço a sua companhia!

<p><b>SOBE SOM</b></p> <p><b>DESCE SOM</b></p> <p><b>SOBE SOM</b></p>	<p>O Podcast “Dentre os clubes, o maior” é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Pesquisa, produção, roteiro, apresentação e edição são de Wesley Bião. A orientação é da professora Kátia Fraga.</p> <p>Este episódio usou áudios da TV ABC 3, ESPN Brasil e das TVs Cabo Branco e Paraíba. A narração dos gols é de Milton Leite, então na ESPN Brasil, e Eduardo D’Alessandro, da TV ABC3.</p> <p>Obrigado pela audiência, um abraço e até o próximo episódio!</p>
---	--

<p><b>Episódio 2</b> Os jogos contra o Galo e o Guarani</p>	<p><b>Roteiro e Apresentação</b> Wesley Bião</p>	<p><b>Edição</b> Wesley Bião</p>
---	--	--------------------------------------

<p><b>BG ODEON</b></p>	<p>Depois da goleada por 5x0 em Goiás, o Santo André já sabia quem enfrentaria na segunda fase da Copa do Brasil: o Atlético-MG. Mas esse confronto só</p>
------------------------	--

aconteceria no fim de março, mais de um mês depois do duelo de Ipameri.

Até lá, o time do ABC teve que continuar sua caminhada no Campeonato Paulista e a sua preparação para a disputa da Série B, que começaria em abril. A Copa do Brasil? Ainda era a ideia de “vamos ver onde a gente chega”. E o time chegou mais longe do que imaginava.

Eu sou Wesley Bião e você está ouvindo o podcast “Dentre os clubes o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004”. Neste episódio eu vou te contar a história dos duelos do Ramalhão contra o Galo, pela segunda fase, e contra o Guarani, nas quartas de final da competição.

#### VH HINO

A vitória fora de casa sobre o Novo Horizonte em Ipameri deu um gás no time do Santo André, que voltava às disputas do Paulistão com o desejo da classificação à fase de mata-mata ainda vivo.

E até que ela quase veio. Dentre o duelo em Goiás e a primeira partida contra os mineiros no Bruno José Daniel, em Santo André, o Ramalhão fez suas últimas cinco partidas pelo estadual.

Foram, durante aquela primeira fase, cinco vitórias, dois empates e três derrotas, somando 17 pontos, dois a menos que o rival São Caetano, que avançou e foi o campeão paulista daquele ano – esse, inclusive, é o único título que o time da cidade vizinha venceu naquele período em que estava em maior evidência no cenário do futebol, mas isso é um mero detalhe.

Dez dias depois do último compromisso pelo Paulistão, o Santo André entraria em campo novamente pela Copa do Brasil. O duelo contra o Atlético-MG, no dia 24 de março, marcava a primeira vez que as equipes se enfrentavam.

Esse jogo foi encarado por parte do time como uma grande vitrine que possivelmente muitos deles não teriam novamente, afinal de contas o contrato de parte do elenco acabaria em poucos dias.

Jogando em casa, o Santo André soube se aproveitar do seu próprio campo – que não era lá grandes coisas, mas era melhor do que aquele que o time havia encontrado em Ipameri.

A equipe soube se impor, foi para cima e abriu o placar cedo, aos quatro minutos de jogo, com Edmílson.

**NARRAÇÃO GOL EDMILSON**

Atrás do placar, o Galo pressionou e até teria chegado ao empate se não fosse pelas intervenções do goleiro Júnior Costa.

Mas, como no futebol “quem não faz, toma”, a lei do ex agiu no Bruno Daniel e Dedimar, que jogou pela equipe mineira em 97, ampliou com um belo gol de falta, já no finzinho do primeiro tempo.

**NARRAÇÃO GOL DEDIMAR**

Com o 2x0 no placar, o time do ABC via a possibilidade da classificação cada vez mais próxima. Diferentemente do que aconteceu em Goiás, o placar favorável em dois gols naquele momento não eliminaria para o Santo André a necessidade de jogar em BH.

Essa vantagem era apenas para quem tinha posição melhor que o adversário no ranking de clubes da CBF, como era o caso do Santo André em relação ao Novo Horizonte e do Galo em relação ao Ramalhão.

Na volta do intervalo, o Santo André precisou se fechar para evitar que os mineiros marcassem pelo menos um gol, o que dificultaria sua vida na partida de volta, no Mineirão.

**NARRAÇÃO GOL JEAN CARLOS**

Foi difícil, até bola na trave o time paulista tomou, mas foi recompensado com o gol de Jean Carlos, aos 32 da etapa complementar, para fechar o inesperado placar de 3x0 para o Santo André.

A vitória convincente sobre um rival de divisão superior foi comemorada, mas abriu o olho e alertou o Santo André para a força do Atlético dentro do Mineirão.

Na fase anterior, o Galo enfrentou o Catuense, da Bahia. Assim como contra os paulistas, os mineiros perderam na partida de ida por 4x2, lá em Catu. Já em BH, não tomaram conhecimento dos adversários e despacharam a equipe baiana depois da vitória por 5x1.

Sabendo disso, o Santo André foi a campo na noite de 7 de abril tendo noção da pressão que sofreria no jogo todo, tanto dentro quanto fora das quatro linhas. E de fato essa foi a tônica da partida, com o Atlético atacando e o Santo André se defendendo.

Empurrado pela massa e com um volume de jogo intenso, o Galo abriu o placar com Márcio Araújo, aquele que há não muito

<p><b>NARRAÇÃO GOL MÁRCIO ARAÚJO</b></p> <p><b>NARRAÇÃO GOL MÁRCIO MIXIRICA</b></p> <p><b>SONORA FIM DE JOGO</b></p>	<p>tempo atrás teve uma passagem pelo Flamengo, aos 19 da primeira etapa.</p> <p>O segundo gol atleticano, que colocou fogo no jogo, veio só aos 42 do segundo tempo, com um belo gol de Márcio Mixirica.</p> <p>Com um jogador a menos, o Atlético não deu conta de fazer o placar que precisava para levar a partida para os pênaltis, e mesmo com a vitória por 2x0 foi eliminado da Copa do Brasil.</p> <p>O Santo André derrubava ali o primeiro gigante de sua campanha e seguia vivo na competição.</p> <p>A classificação do Santo André sobre o Atlético-MG foi comemorada pelo elenco. Bater um time grande e com exposição na mídia como o Galo é sinônimo de receber propostas, ainda mais quando seu período de contrato com o clube está acabando.</p> <p>Apenas uma semana separou o segundo jogo contra o Atlético do primeiro contra o Guarani. Tempo o suficiente para o time sofrer um processo de desmanche.</p>
--	--

Em apenas sete dias, seis jogadores deixaram o clube, sendo cinco titulares, incluindo o meia Fumagalli, que era peça importante no elenco e foi o artilheiro do time no Paulistão daquele ano.

Como se não bastasse, a Série B, que era o principal torneio da temporada para o Santo André e que o clube tinha como objetivo claro não ser rebaixado, começaria no fim daquele mês de abril. A diretoria precisava correr contra o tempo para reforçar o elenco.

Com apenas 16 atletas à disposição e só cinco jogadores de linha no banco, o Santo André enfrentaria o Guarani, que naquela época disputava a primeira divisão do Brasileirão e era comandado por Joel Santana.

Em campo, o grande destaque do time de Campinas era o atacante Viola, campeão do mundo em 94 e que na época estava com 35 anos.

Para aquela partida, o Santo André conseguiu apenas um reforço: o meia Barbieri.

Jogando fora de casa e mesmo com um time remendado, o Santo André manteve o seu estilo de jogo e abriu o placar com um

**NARRAÇÃO GOL DEDIMAR**

golaço de Dedimar, aos 23 do primeiro tempo.

Os donos da casa até tiveram a chance de empatar na primeira etapa com Viola, de pênalti, mas a cobrança parou em Junior Costa.

Se o atacante falhou na penalidade, não falhou na outra chance clara que teve, e aos 17 do segundo tempo marcou o gol de empate em Campinas, que deu números finais ao confronto.

Ao fim do jogo, Viola garantiu à torcida que o time bugrino se classificaria e se isso não acontecesse ele abandonaria o futebol.

No fim das contas, o empate por 1x1 não foi um mau negócio para o Santo André, afinal de contas o gol fora de casa ainda poderia garantir a classificação à próxima fase. Mas, para isso acontecer, o time não poderia ser vazado no jogo de volta.

Depois do jogo em Campinas, o Santo André cumpriu com seus dois primeiros compromissos pela Série B do Brasileirão: um empate sem gols em casa contra o Paulista de Jundiaí – que venceu a Copa do Brasil de 2005 – e uma derrota para o Avaí por 3x1, em Florianópolis.

Naquela época, a Série B tinha um formato de disputa diferente do atual, em que era dividido em três fases: na primeira, os 24 times jogariam, ao todo, 23 jogos.

Os oito melhores classificados avançavam para a segunda fase, onde eram divididos em dois grupos com quatro times cada, que jogavam entre si.

Os dois melhores de cada grupo avançavam para o quadrangular final, que definiria os dois times que conquistariam o acesso à primeira divisão.

Por outro lado, os seis piores colocados ao fim da primeira fase eram rebaixados para a terceira divisão.

Depois da estreia na Série B, o Ramalhão voltou as atenções para a segunda partida contra o Guarani, em casa.

Para esse confronto, o time já contava com pelo menos nove novos reforços, com destaque para três que se tornaram peças-chave para o time no decorrer da temporada: o volante Dirceu e os atacantes Sandro Gaúcho e Osmar.

Em campo, na noite do dia 5 de maio, o novo time do Santo André, ainda em fase de entrosamento, se segurou de todas as

formas. Jogando com o regulamento embaixo do braço, empatou por 0x0 e garantiu a vaga nas quartas de final.

Mas a classificação não foi motivo para tanta comemoração, afinal de contas o time ainda precisava lidar com as baixas que estava sofrendo e, dessa vez, ela não se limitou apenas aos atletas.

Logo depois do jogo, o técnico Luiz Carlos Ferreira deixou o comando do Santo André para fechar com o Sport, selando uma negociação que já se arrastava desde a classificação contra o Galo, a cerca de um mês. A diretoria do Santo André até tentou, mas não conseguiu segurar o treinador.

Além disso, o time foi denunciado pela escalação de dois jogadores irregulares nas duas rodadas iniciais da Série B. Se punido, poderia perder 12 pontos na tabela, o que deixaria a sua situação muito delicada.

Com o fantasma da punição rondando o clube, com um time em fase de reformulação e agora sem treinador, o Ramalhão teria uma pedreira pela frente na Copa do Brasil: o Palmeiras. Mas isso é conversa para o próximo episódio!

Eu sou Wesley Bião e se você me ouviu até aqui eu agradeço sua companhia!

**BG ODEON**

**SOBE BG**

<p><b>DESCE BG</b></p>	<p>O Podcast “Dentre os clubes, o maior” é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Pesquisa, produção, roteiro, apresentação e edição são de Wesley Bião. A orientação é da professora Kátia Fraga.</p> <p>Este episódio usou áudios da TV ABC3 e da Rádio Itatiaia. A narração dos gols contra o Galo é de Willy Gonser, da Itatiaia. Os gols do Atlético na segunda partida são de Paulo Andrade, da TV ABC3. Do mesmo canal, Eduardo D’Alessandro é a voz dos gols da partida contra o Guarani.</p> <p>Muito obrigado pela audiência, um forte abraço e até o próximo episódio!</p>
<p><b>SOBE BG</b></p>	

<p><b>Episódio 3</b> Os jogos contra o Palmeiras e o XV de Campo Bom</p>	<p><b>Roteiro e Apresentação</b> Wesley Bião</p>	<p><b>Edição</b> Wesley Bião</p>
--	--	--------------------------------------

<p><b>BG ODEON</b></p> <p><b>DESCE BG</b></p>	<p>Prestes a ser julgado pela escalação irregular de dois atletas, em processo de remontagem</p>
---	--

do elenco e sem treinador. Foi nesse contexto que o Santo André se preparou para enfrentar mais uma batalha na Copa do Brasil.

Eu sou Wesley Bião e você está ouvindo o podcast “Dentre os clubes o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004”.

Neste episódio eu vou te contar a história dos duelos do Ramalhão contra o Palmeiras pelas quartas de final e contra o XV de Campo Bom, pela semifinal da competição.

#### VH HINO

Depois da saída repentina de Luiz Carlos Martins para o Sport, a diretoria andreense precisava correr contra o tempo e achar um novo treinador.

Por recomendação de um cartola do Vitória, o clube fechou com Péricles Chamusca. O novo treinador do Ramalhão tinha feito um bom trabalho na base do clube baiano, ajudando a revelar nomes como Dida, Edílson, Vampeta e Dedimar, que naquele momento jogava no Santo André.

Chamusca, que estava sem clube desde o fim do Campeonato Pernambucano de 2004, quando foi vice do estadual com o Santa

Cruz de forma dolorosa, já tinha história com a Copa do Brasil.

Foi ele quem conduziu o Brasiense ao vice-campeonato da competição, em 2002, sendo derrotado pelo Corinthians na decisão de forma polêmica. Assim como com o Santo André, o baiano de Salvador assumiu o clube de Taguatinga nas quartas de final do campeonato.

Com sua chegada, ganhou um grande aliado: o ex-volante Sérgio Soares, que se aposentou logo depois da classificação sobre o Guarani, se tornou seu auxiliar, o ajudando a conhecer as características dos jogadores e do novo clube.

Antes do primeiro jogo disputado contra o Verdão, no dia 12 de maio, no Bruno José Daniel, o Santo André fez sua terceira partida na Série B, vencendo o Ceará em casa por 2x0.

A vitória foi importante e deu moral tanto para o time, que não vencia há cinco jogos, quanto para a dupla Chamusca e Soares, que haviam assumido seus respectivos papéis um dia antes dessa partida.

Mas o duelo contra o Palmeiras não era a única preocupação do clube, já que a decisão que tanto se temia se confirmou: o Santo André foi punido pela escalação irregular de jogadores contra o Paulista e o

Avaí, nas duas primeiras rodadas da Série B, com a perda de 12 pontos na tabela.

Naquele momento, o Ramalhão, que tinha somado até ali quatro pontos, despencou para a lanterna da competição, com oito pontos negativos e corria sério risco de voltar para a Série C.

Já pela Copa do Brasil, o Santo André tinha a chance de surpreender mais uma vez, enquanto o Palmeiras buscava se redimir dos vexames protagonizados nas últimas duas edições do torneio.

Em 2002, foi eliminado em casa pelo Asa de Arapiraca, do Alagoas. Já em 2003, caiu para o Vitória depois de perder também em casa pela sonora goleada de 7x2.

Quando a bola rolou na noite daquele dia 12 de maio no Brunão, o Palmeiras se deu melhor e abriu o placar com Diego Souza, um dos jogadores daquele time derrotado pela base andreense na Copinha de 2003, aos 14 minutos.

O Santo André, que tinha como característica não se acovardar quando estava em desvantagem, foi para cima e empatou pouco tempo depois, aos 21, com um golaço de Osmar, um dos jogadores escalados de maneira irregular pela Série B

<p><b>NARRAÇÃO GOL OSMAR</b></p>          <p><b>NARRAÇÃO GOL BARBIERI</b></p>          <p><b>(NARRAÇÃO GOL 3)</b></p>	<p>e que pouco tempo depois seria jogador do próprio Palmeiras.</p> <p>Vagner Love, outro que estava em campo na final da Copinha, sofreu pênalti, que o colombiano Muñoz converteu. Sete minutos depois do empate, o Santo André estava de novo atrás do placar.</p> <p>Foi preciso remar tudo de novo. Nos minutos finais da primeira etapa, Barbieri empatou, de falta, com uma ajudinha de Diego Souza, em quem a bola desviou, matando o goleiro Marcos.</p> <p>Depois do primeiro tempo movimentado, o segundo começou pegado. O afoito time palmeirense tomou três amarelos num espaço de quatro minutos. O Santo André, melhor em campo, virou o jogo com Sandro Gaúcho, aos 14 minutos.</p> <p>Mas o time mal teve tempo para comemorar, porque dez minutos depois tomou o empate. Leonardo, de cabeça, marcou para o Palmeiras para empatar a partida em 3x3, resultado que se manteve até o fim do jogo.</p>
---	---

Os palmeirenses comemoraram o placar, afinal de contas um empate com três gols marcados fora de casa era muito favorável ao time alviverde.

Ao Santo André restavam apenas duas opções: a vitória em pleno Palestra Itália ou se garantir pelo critério de gols fora em caso de novo empate. O problema é que para a segunda opção acontecer, o duelo precisaria terminar em, no mínimo, 4x4, um resultado quase improvável.

Mas como no futebol nada é impossível, o Ramalhão manteve a esperança da classificação à fase semifinal viva e no decorrer da semana, a comissão técnica se atentou a uma deficiência daquela defesa do Palmeiras: o time sofria muito com as jogadas aéreas.

Ter uma falha como essa contra um time que havia marcado boa parte dos gols no torneio de cabeça seria perigoso. Se o adversário percebesse o problema e jogasse nela, seria fatal. E foi isso que o Santo André fez.

Precisando vencer para se classificar, o Santo André entrou em campo naquela noite de 20 de maio determinado. O time soube se valer muito bem da deficiência defensiva dos adversários na bola aérea e abriu o

(GOL SANDRO GAÚCHO)

placar com Sandro Gaúcho, de cabeça aos 12 do primeiro tempo.

Mas como nem tudo são flores, dois minutos depois os donos da casa empataram, com Marcinho Guerreiro, que bateu de fora da área e contou com o desvio em Vagner Love para marcar.

Três minutos depois, o Palmeiras virou. Lúcio cruzou e Corrêa, de peixinho, marcou para o time alviverde de forma irregular. A arbitragem não viu que o jogador palmeirense encarnou Diego Maradona e marcou seu gol com a mão.

Mesmo tomando a virada cinco minutos depois de abrir o placar, o Santo André não se abateu e continuou em cima dos adversários. Osmar, novamente de cabeça, deixou tudo igual aos 20 minutos.

(GOL OSMAR)

Depois do placar se movimentar quatro vezes em oito minutos, o jogo acalmou. Quando o primeiro tempo caminhava para o fim, Baiano marcou o terceiro do Palmeiras. O placar de 3x2 já era favorável aos donos da casa, que aumentaram com Vágner Love aos 24 da etapa final.

Com o placar desfavorável, o Santo André não tinha mais nada a perder. Foi para o tudo ou nada, abrindo mão da tática e da técnica. Só não abriu mão do jogo e de continuar jogando no ponto fraco do oponente.

E a remontada veio em 20 minutos. Aos 34, Sandro Gaúcho marcou seu segundo gol no jogo, o segundo de cabeça, diminuindo o placar e colocando fogo no jogo.

**(GOL SANDRO GAÚCHO II)**

Dez minutos depois, em lance de bola parada, Dedimar cruzou e a bola encontrou a cabeça de Tássio, que empatou o jogo.

**GOL TÁSSIO**

Os palmeirenses sabiam que com o inesperado empate em 4x4 o Santo André se classificaria. Assim sendo, tentou, na base do desespero, marcar um gol que evitaria mais um vexame em casa pelo terceiro ano seguido pela Copa do Brasil. Não adiantou.

Com o apito final, o Santo André selou, naquele momento, mais um épico capítulo em sua trajetória no campeonato. Além disso, evidenciou mostrou para quem

quisesse ver o calcanhar de Aquiles do Palmeiras.

Cinco dos sete gols que o adversário sofreu nos dois jogos do encontro foram de cabeça. Por fim, não deixou restar dúvidas a quem ainda as tivesse: não tem impossível no futebol. Como diz o poeta, o jogo é jogado e o lambari é pescado.

Se a presença do Santo André na semifinal da Copa do Brasil logo na sua estreia por si só já era, para muitos, uma surpresa.

Porém, o duelo que o time do ABC protagonizou é, certamente, o mais inesperado de toda a competição – e possivelmente da história do torneio.

Apenas uma semana depois de eliminar o Palmeiras, o Ramalhão iria a campo novamente para enfrentar, dessa vez, outro azarão: O XV de Novembro de Campo Bom, do Rio Grande do Sul.

O clube gaúcho, assim como o Santo André, era estreante na competição. A equipe vinha de uma ascensão meteórica no futebol do seu estado, conquistando o vice-campeonato Gaúcho nas duas temporadas anteriores.

O time, que era comandado por Mano Menezes, tinha bons nomes, como o

atacante Dauri, que foi o artilheiro daquela edição de Copa do Brasil; o volante Perdigão (campeão mundial com o Inter em 2006) e o lateral Patrício, que jogou no Grêmio e foi um dos personagens principais da Batalha dos Aflitos, em 2005.

Até chegar à semifinal, o clube de Campo Bom, cidade da Região Metropolitana de Porto Alegre, passou por Portuguesa Santista, Vasco (com direito a vitória por 3x0 em São Januário), o Americano do Rio e o Palmas.

Um caminho bem menos complicado que o do Santo André, mas nem por isso o time era menos qualificado que o seu oponente.

E tanta qualidade ficou clara no primeiro jogo entre os clubes, no dia 26 de maio, no Estádio do Pacaembu. A partida foi disputada no templo do futebol paulista porque o Bruno José Daniel, em Santo André, não tinha a capacidade mínima exigida pela CBF.

A princípio, o duelo seria no Anacleto Campanella, casa do rival São Caetano. A própria CBF até chegou a anunciar o estádio da cidade de São Caetano do Sul como palco da partida, porém, de forma repentina, o gramado do estádio começou a passar por uma reforma.

Os responsáveis pelo estádio sancaetanense disseram que não havia sido informada pela entidade e que a reforma já estava prevista.

A confusão custou ao Santo André, que não teve o usual apoio de sua torcida. Boa parte dos torcedores, ainda achando que a partida seria disputada na casa do maior rival, foram parar em São Caetano.

No Pacaembu, os pouco mais de 500 torcedores que estavam presentes naquela noite fria de quarta-feira viram o XV dominar o jogo e abrir o placar aos 21 do primeiro tempo, com Bebeto.

Dez minutos depois, o empate. Barbieri, de pênalti, deixou tudo igual antes do intervalo.

#### GOL BARBIERI

Na volta dos vestiários tudo desandou. O time estava irreconhecível. O XV, que não tinha nada a ver com isso, aproveitou.

Primeiro foi Dauri, aos seis. Aos oito, Patrício. Quatro minutos depois foi a vez de Bebeto. Com 15 minutos do segundo tempo, o Santo André era trucidado pelo clube gaúcho, provando do seu próprio veneno. Tinha virado passeio.

**GOL TÁSSIO JG II**

Mas o Ramalhão já tinha provado em várias outras oportunidades que era um time de brio, que não jogava a toalha. O time correu atrás do prejuízo e aos 15, Tássio marcou um belo gol e diminuiu o placar.

O tento marcado deu uma injeção de ânimo na equipe andreense, que continuou a pressionar. Nove minutos depois, aos 24, Osmar marcou o terceiro.

**GOL OSMAR JG II**

Mesmo com a derrota em casa, o time ainda estava vivo e poderia buscar a classificação no Sul.

Para avançar, o Ramalhão precisava vencer por pelo menos dois gols de diferença. E parece que os gaúchos não botaram muita fé nos seus adversários.

O clima para o jogo no Olímpico, antiga casa do Grêmio, em Porto Alegre, era de euforia por parte dos gaúchos. Uma sensação de “já ganhou” pairava sobre o ar, o que não agradava ao time andreense.

Quando o jogo começou, na noite gelada de 9 de junho, o XV abriu o placar com Belmonte, com apenas dez minutos de jogo.

Quando um time que entra em campo precisando reverter um resultado toma um gol, a tendência é que ele sinta o gol. Mas não era isso que acontecia com o Santo André.

A história recente mostrava que correr atrás de um resultado que para muitos era improvável e reverter um jogo que já parecia perdido era a marca registrada daquele elenco. E em Porto Alegre ela entrou em campo novamente.

Com a vitória por 5x3 no placar agregado naquele momento, os gaúchos acomodados – ou como se diz na gíria do futebol, “sentaram no resultado”.

O Santo André percebeu o bom momento que tinha nas mãos e pressionou até que, aos 40, Sandro Gaúcho marcou um golão e empatou o jogo.

#### **GOL SANDRO GAÚCHO JG II**

Apesar da provocação dos adversários, que a cada toque na bola tirava sarro dos jogadores andreenses, o time precisava manter a cabeça e marcar mais dois gols, além, é claro, de não tomar nenhum.

<p><b>GOL SANDRO GAÚCHO II - JG II</b></p> <p><b>GOL MAKANAKI</b></p>	<p>A tônica no segundo tempo seria manter o foco e ir para cima. E assim foi.</p> <p>Na volta dos vestiários, o Santo André não demorou a mostrar reação. Com seis minutos da etapa complementar, Sandro Gaúcho, de novo, virou o placar com sua especialidade: o gol de cabeça.</p> <p>O XV acusou o golpe. O Santo André, melhor no jogo, continuou no ataque e foi recompensado. Aos 18, Makanaki marcou o terceiro do Ramalhão, para o desespero dos adversários.</p> <p>Em apenas 12 minutos, o Santo André marcou os dois gols que precisava e saía, naquele momento, da condição de eliminado para a de classificado. Mas faltavam, pelo menos, quase meia hora de jogo até o apito final e o time teria que se segurar de todas as formas.</p> <p>O Santo André teve a competência que precisava na defesa e também um pouco de sorte, já que o XV perdeu a chance mais clara de empatar o jogo e eliminar o time</p>
---	---

paulista com Canhoto, que conseguiu perder um gol sem goleiro e debaixo das traves.

Melhor pro Ramalhão, que venceu, convenceu e mostrou que aquele elenco seguia o hino do clube à risca: lutador, guerreiro e valente.

Contra todos os prognósticos, o até então desconhecido Esporte Clube Santo André fazia história e era finalista da Copa do Brasil.

Via ali, na sua frente, a chance de fazer história e ser campeão do torneio cada vez mais palpável, algo que nem o mais esperançoso torcedor esperaria.

Mas, para isso, precisava passar pelo desafio final. Na decisão, o adversário seria, mais uma vez, um gigante do futebol brasileiro. Mas isso eu vou deixar pro próximo episódio!

Eu sou Wesley Bião e se você me ouviu até aqui eu agradeço sua companhia!

O Podcast “Dentre os clubes, o maior” é um trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. Pesquisa, produção, roteiro, apresentação e edição são de Wesley Bião. A orientação é da professora Kátia Fraga.

	<p>Este episódio usou áudios da TV ABC 3 e da RBS TV. A narração dos gols é de Eduardo D’Alessandro, da TV ABC3. Paulo Brito, da RBS, é a voz dos gols na primeira partida contra o XV de Campo Bom.</p> <p>Obrigado pela audiência, um abraço e até o próximo episódio!</p>
--	--

<p><b>Episódio 4</b> O jogo contra o Flamengo</p>	<p><b>Roteiro e Apresentação</b> Wesley Bião</p>	<p><b>Edição</b> Wesley Bião</p>
---	--	--------------------------------------

<p><b>BG ODEON</b></p>	<p>Se o fato de chegar à semifinal já foi uma surpresa, avançar à decisão mais uma vez tendo que reverter a vantagem adversária foi um alvoroço e só.</p> <p>O considerado pequeno e inofensivo Santo André bateu de frente com gigantes do futebol nacional e mostrou que se ali chegou foi com muita luta.</p> <p>Era uma equipe que tinha respeito pelos adversários, mas não tinha medo. Um time com gana de vencer e que não se deixava abater frente às adversidades – e no decorrer do torneio não foram poucas.</p>
------------------------	---

Era um time que, de fato, chegava com chances reais de vencer a Copa do Brasil e fazer história. Mas antes, precisaria passar pela prova final.

Eu sou Wesley Bião e você está ouvindo o podcast “Dentre os clubes o maior: a história narrada do título do Santo André na Copa do Brasil de 2004”. Neste episódio eu vou te contar a história dos duelos do Ramalhão contra o Flamengo na grande final da competição.

#### =====VH INTRO=====

A inesperada chegada do Santo André à final da Copa do Brasil chamou a atenção. Toda a imprensa estava mobilizada para acompanhar o dia a dia de um modesto clube de uma cidade da região metropolitana de São Paulo. O ambiente, é claro, mudou. E era preciso saber lidar com as mudanças.

Antes da final da Copa do Brasil, o Santo André tinha pendências para resolver com a Série B. O time ainda não tinha terminado de zerar a punição que havia recebido pela escalação de jogadores irregulares.

Com três pontos negativos, o Ramalhão entrou em campo em casa para enfrentar o Sport, justamente o time de Luis Carlos Ferreira, o antigo treinador.

O clima, é claro, não foi o dos mais receptivos ao antigo comandante. A forma com que Ferreirão deixou o clube abalou sua relação com a torcida, que o homenageou com calorosos gritos de mercenário durante todo o jogo.

No campo, os donos da casa dominaram a equipe pernambucana e venceram por 2x0. A partida, além de zerar a pontuação do Santo André, encerrou a passagem de Ferreirão pelo Sport, que partiu sem deixar muitas saudades do lado rubro-negro de Recife.

A primeira parte da grande corrida contra o rebaixamento que os andreenses faziam na Série B foi alcançada, mas ainda estava longe de chegar ao fim.

Porém, antes de tentar se manter na segundona, o Esporte Clube Santo André viveria o maior momento da sua história: a primeira partida da final da Copa do Brasil.

Do outro lado, o clube paulista teria como adversário o famoso, forte e imponente Flamengo, time de maior torcida do país, dono de um elenco recheado de craques e com todo o favoritismo para levar a taça.

Apesar de toda a badalação dos adversários, o Santo André não se deixou abater. Já tinha passado por outros gigantes do futebol

brasileiro no decorrer da competição e sabia o que tinha que fazer se quisesse sair com o título.

Por não poder jogar no Bruno Daniel e por querer evitar o Pacaembu, o Santo André escolheu para mandar a partida daquele dia 23 de junho o estádio Palestra Itália, onde o clube abecedista havia conquistado a heroica classificação sobre o Palmeiras a um pouco mais de um mês para mandar o jogo.

Não surpreendentemente, mesmo o jogo sendo em São Paulo e em campo neutro, parecia que o Santo André era visitante. Os flamenguistas eram maioria absoluta no estádio e se sentiam em casa.

Dentro de campo o clube paulista não sentiu a pressão da torcida e não teve medo do Flamengo. Nos primeiros minutos, o time passou mais tempo no campo de defesa flamenguista e pressionou, mas não conseguiu criar boas chances. Dessa forma, pouco tempo depois os cariocas conseguiram equilibrar as ações.

Num momento em que parecia que os primeiros 45 minutos da decisão terminariam empatado, o Flamengo achou um gol.

**GOL ROGER - FLAMENGO JG I**

Aos 25 minutos, em lance de cobrança de falta, Douglas ajeitou para Ibson, que cruzou e na cabeça do lateral Roger, que, sozinho, subiu para marcar.

O jogo ficou morno nos 20 minutos restantes. Os 15 minutos de intervalo foram suficientes para o Santo André se inflamar e voltar em cima dos adversários na segunda etapa. Ao Flamengo, restou se fechar.

O time que não era vazado há sete jogos e que tinha, até aquele momento, conseguido anular a principal arma do ataque andreense, as bolas aéreas, pecou. E como na maioria das vezes, quando a defesa vacila o atacante não perdoa.

A bola alçada por Romerito para dentro da área encontrou Osmar nas costas da defesa. O atacante, sem esforço, venceu o goleiro Júlio César e empatou a partida aos seis minutos da etapa complementar.

**GOL OSMAR JG I**

O gol deu mais ânimo ao Ramalhão, que continuou pressionando os adversários e aos 14 virou o jogo.

Dedimar cruzou e a defesa flamenguista afastou mal. A sobra ficou com Sandro Gaúcho, que ajeitou de peito para Romerito acertar um lindo voleio.

Um lindo gol mereceria uma narração que fizesse jus ao lance, mas não foi bem isso que aconteceu. Galvão Bueno, um dos maiores locutores esportivos da história, conseguiu, de uma só vez, errar o nome de quem fez o gol e, surpreendentemente, o nome do time.

#### GOL ROMERITO

O narrador se desculpou e justificou a lambança dizendo que se confundiu porque tinha narrado mais jogos do São Caetano. Se a desculpa colou, é outra história.

Com o 2x1 no placar, o cenário mudou. O Santo André diminuiu o ritmo, enquanto o Flamengo pressionava.

A equipe andreense até poderia ter aumentado o placar se o árbitro tivesse marcado o pênalti que Fabiano Eller fez em Élvís, mas aos 37 minutos da etapa final, os visitantes chegaram ao empate.

Na cobrança de falta de Athirson, Sandro Gaúcho, que estava na barreira, se moveu. A bola, caprichosa, passou no espaço que tinha

**GOL ATHIRSON**

para morrer no fundo do gol de Júlio César, que ficou revoltado.

A vitória que parecia próxima e daria ótima vantagem para o time do ABC no Rio de Janeiro escapou por entre os dedos. O clima no vestiário era quase de velório.

Com muita conversa e até lavagem de roupa suja, o time conseguiu extravasar toda a decepção que estava sentindo e entendeu o que deveria fazer para sair do Maracanã com o título.

Para o Flamengo, o empate em São Paulo foi bastante positivo. Para ficar com a taça, bastava aos rubro-negros um empate sem gols ou por 1x1.

Já para o Santo André, a missão seria difícil. Para ser campeão no tempo normal, precisava vencer. Um empate com o mesmo placar do jogo de ida faria a decisão ir para os penais.

A estratégia traçada pela equipe paulista para o jogo no Maracanã era simples: evitar sofrer outro gol e segurar os adversários o máximo que pudesse nos primeiros 45 minutos para, na etapa final, o time mudar sua característica e jogar mais solto.

**ATHIRSON SOBRE A TORCIDA**

Ao fim do jogo em São Paulo, Athirson disse

E a torcida respondeu. O Maracanã pulsava. Os milhares de rubro-negros presentes eram uma só voz cantando e empurrando o time.

Porém, um detalhe chamou a atenção. A torcida do Flamengo naquela época adotou uma canção que se tornou quase que um hino extra oficial: Sorte Grande, de Ivete Sangalo, era entoada pela torcida flamenguista em quase todos os jogos.

Eu obviamente não vou ousar cantar aqui para não estragar o episódio, mas se você não conhece a pelo nome, certamente conhece o refrão.

**REFRÃO SORTE GRANDE**

Sérgio Soares viu um palco do lado do túnel. Disseram que estava pronto para Ivete cantar depois do jogo. O fato foi relatado no vestiário e isso foi o suficiente para inflamar o time, que subiu para o jogo ainda mais determinado em fazer história.

Em campo, o Flamengo não se achava. Os gritos dos ensandecidos torcedores não inflamavam a equipe, que sofria com a falta

de criatividade. Felipe, o cérebro do time, vivia noite apagada.

Com um Santo André focado em não sofrer gol e um Flamengo que não assustava, o primeiro tempo acabou sem gols. Apesar do empate garantir, naquele momento, o título ao Flamengo, a estratégia adotada pelo elenco andreense surtiu efeito.

Na volta do intervalo, o Santo André estava mais solto. Aos sete minutos, os visitantes conseguiram o primeiro escanteio do jogo, pelo lado direito do ataque ramalhino.

Na bola, estava Élvís. Dentro da área, esperavam os especialistas. A bola aérea, forte do Santo André, se provou mais uma vez eficaz.

O cruzamento do meia encontrou a cabeça de Sandro Gaúcho que, sozinho, mal precisou sair do chão para abrir o placar.

**GOL SANDRO GAÚCHO JG II**

O Flamengo, que já estava mal, precisou correr atrás do prejuízo. A pouca objetividade aliada ao desespero nada rendeu aos donos da casa.

**GOL ELVIS - JG II**

Melhor para o Santo André, que dominava as ações no jogo e aos 22 minutos o volante Dirceu lançou Osmar na esquerda. O atacante, de canhota, jogou na área e encontrou Elvis. O meia se antecipou a Fabiano Eller e, de esquerda, bateu no contrapé de Julio Cesar. Era o segundo gol do Santo André no jogo

O 2x0 foi um balde de água fria no já apático time do Flamengo. A torcida ficou indignada. Uns foram embora mais cedo, outros ficaram incrédulos com a cena que via, uns choravam e os mais exaltados chegaram a queimar suas camisas rubro-negras.

No decorrer da competição, o Santo André se acostumou a fazer a festa na casa do adversário. Foi assim na primeira fase contra o Novo Horizonte, na segunda fase contra o Galo, nas quartas contra o Palmeiras e na semi contra o XV de Campo Bom. Não seria diferente na decisão.

Quando o árbitro Carlos Eugênio Simon pediu a bola e apitou o fim do jogo, consagrava-se ali a garra, perseverança, qualidade e brio de um elenco de jovens e experientes, mas com a mesma vontade: ser campeão. E foram. Contra todos os

**SONORA MATÉRIA**

prognósticos, o Santo André escrevia a história sob os olhos de milhares e se sagrava campeão da Copa do Brasil.

Passada toda a euforia e comemoração do título, o Santo André precisava voltar as atenções para a Série B. O time já tinha conseguido reverter a pontuação negativa que tinha, mas ainda estava na zona de rebaixamento, com apenas quatro pontos.

Para piorar, o time perdeu alguns jogadores e o técnico Péricles Chamusca, que foi para o rival São Caetano.

Apesar das baixas, o clube se manteve forte. Das 12 partidas que restavam na Série B depois da final da Copa do Brasil, venceu oito, empatou uma e perdeu quatro. Somou, ao todo, 29 pontos, terminando na 14ª colocação e se salvando do rebaixamento. Se não fossem os 12 pontos descontados, o time terminaria na quinta colocação e poderia brigar pelo acesso para a Série A, que só veio em 2008.

Com o título da Copa do Brasil, o Santo André disputou a Libertadores no ano de 2005. Porém, na competição continental, não teve o mesmo sucesso que na Copa do Brasil e caiu na primeira fase num grupo

BG HINO

que dividiu com Palmeiras, Cerro Porteño, do Paraguai e o Deportivo Táchira, da Venezuela, que foi vítima da melhor lembrança que o torcedor andreense tem daquele torneio: a vitória por 6x0 no Bruno Daniel, que foi a maior goleada daquela edição.

Eu sou Wesley Bião e essa foi a história do Santo André na Copa do Brasil de 2004. Se você me acompanhou até aqui, meu muito obrigado!

Este episódio usou áudios da TV Globo. A narração dos gols é de Galvão Bueno

Um abraço para você, até uma próxima e lembre-se: não deixe de apoiar o time da sua cidade!

BG SOBE